

Sem sair do País, teve fama internacional. Sem sair do País, fez com que a nossa marabenta fosse apreciada e admirada em muitos cantos do mundo. Gravou músicas que ainda hoje são um sucesso internacional e que, eternamente, o serão. Trata-se do conjunto musical «Djambu», autor da famosa canção «Eliza Wéé, Gomara Sáia» — conjunto que, de algum tempo para cá, se depara com grandes problemas: a falta de aparelhagem e a falta de local onde ensaiar. Pior: ninguém manifesta interesse por este agrupamento que tanto prestígio internacional deu (e pode continuar a dar) ao nosso País.

Vontade não nos falta — dizem os elementos do grupo e sublinham: ainda temos esperanças...

Moisés Ribeiro, 61 anos, veterano cofundador e actual responsável do grupo em contacto com o «Domingo», fala da sua criação, dos problemas que enfrentou, de toda a vida do grupo desde a sua existência até ao momento.

A criação do «Djambu» data dos princípios da década de cinquenta. Moisés já não consegue precisar o ano.

Na altura, éramos sete pessoas e estávamos integrados num grupo chamado «lang issunf» (este era o responsável e financiador do grupo). Passado algum tempo, abandonou-nos. Como não queríamos parar, fomos contactar o Centro Associativo dos Negros da Província de Moçambique e dissemos que queríamos aparelhagem para tocar, mas não tínhamos dinheiro. Um senhor, já falecido, chamado Samuel Dabula, responsável pelos espectáculos naquele centro, sugeriu-nos que trabalhássemos com o Centro. Aceitámos.

No Centro, havia um grupo cultural: o Núcleo dos Estudantes, o qual teve que se fundir com os sete músicos e formaram o que mais tarde passou a chamar-se «Djambu». Para dar um nome, não foi fácil — recorda Moisés.

Todos nós sugeríamos nomes e teve que se fazer um sorteio que não resultou. Havia uma música brasileira, chamada «Mambo Djambu» de que todos nós gostávamos e, logo pensámos que devia ser o nome do nosso grupo. Um senhor, chamado Domingos Mabombo (já falecido) que tocava piano sugeriu o nome de «Djambu», que num dialecto brasileiro quer dizer «ritmo». Aceitámos e assim ficou esse nome até hoje.

A partir deste momento, até sensivelmente ao fim da conversa, passo a simples registador de palavras. O velho Moisés já não quer interrupções animou-se de tal forma que já não dá brecha a perguntas.

— Em 1956, começamos a trabalhar seriamente. Começamos a fazer sucesso em todo Lourenço Marques. Muita gente começou a apreciar o nosso ritmo, a marabenta; até quando chegava a passagem do ano, o grupo preferido era o «Djambu».

Nesta fase do nascimento, o grupo era formado por Moisés Ribeiro viola eléctrica; Domingos Mabombo, pianista; Tiago Bila trombone de vara; José Mondlane, baterista; Hassano, trompetista; Raimundo Costa e Hepitácio Xavier, maracas; António, saxofonista e algumas dançarinas.

Samuel Dabula, conta Moisés, aconselhava sempre que o «Djambu» tocasse marabenta fosse em que ambiente fosse, como forma de dignificar a nossa cultura. Houve nessa altura, um encontro entre o «Djambu», o «João Domingos» e o «Harmonia» (os dois últimos também conjuntos musicais), no qual se estabeleceu um programa chamado «África Noite» no chamado «Folclore» de Lourenço Marques. Cada grupo devia actuar



«Vontade de trabalhar não nos falta... se houvesse alguém que nos cedesse aparelhagem...»  
Moisés Ribeiro

Fic 723

# DJAMBU:

## por onde

## anda o rei

# da marabenta?

Dom. 6/11/86

uma vez por semana, apresentam-se do só marrabenta.

— A princípio — prossegue Moisés — houve quem não gostasse dos nossos grupos e até nos chamavam de grupos atrasados. Mas depois toda a gente gostou, até ao ponto de, em qualquer ambiente e lugar onde tocássemos, exigirem só marabenta. E mais: os grupos preferidos, mais convidados, passaram a ser os nossos em todo o Lourenço Marques. E, então todos os conjuntos começaram a tocar marabenta.

### O DESFALCO

Em fins de 1957, surge a primeira queda. O saxofonista aban-

doná o grupo e val tocar para um outro. José Mondlane e Gonzaga também abandonam o «Djambu».

Foi então que entram no grupo Luis Cheisse e outros elementos que não menciono. O conjunto perde também uma parte da aparelhagem, na mesma altura, o Centro Associativo dos Negros da Província de Moçambique fecha. «Djambu» fica sem onde ensaiar. As vezes ensaiava na casa de Moisés e, outras, na casa de um outro elemento do grupo.

Em 1968 — diz Moisés — surge João Whate, vindo de férias, da tropa. Quis saber o que é que se

passava connosco, contámos-lhe e ele prometeu que logo que fosse desmobilizado viria fazer parte do grupo. Saiu da tropa e, de facto, veio para o conjunto. Veio também o Concelção, viola baixo.

Assim, o «Djambu» recompôs-se parcialmente. Sem piano e sem trompete. Mas decidiu continuar a tocar, utilizando já o nome de «Djambu-70». Foram fazendo marabenta até finais de 69, quando apanharam uma queda enorme. João Whate deixa o grupo. Tiago, parte para Maputo (Catembe) e o trompetista parte de

vez para a África do Sul.

A queda foi maior. O conjunto fica sem instrumentos de sopros. Mas mesmo assim, não paramos, continuámos. Adaptámos o grupo para tocar no «Folclore», não indo a grandes bailes, nem a grandes espectáculos. Desta feita, segundo Moisés, surge o grupo «Mini-Djambu», composto pelos antigos elementos do «Djambu».

Depois da independência, em 1976, o proprietário do «Folclore» convida o «Mini-Djambu» para ser um conjunto privado fazendo bailes todos os sábados.

O investimento foi um pouco maior, voltámos um pouco à nossa forma — afirma Moisés. Mas o casamento não dura. O proprietário do «Folclore» abandona o País. Vai para Portugal. E o «Mini-Djambu» fica de novo, sem aparelhagem completa. Eis então que travamos conhecimento com um senhor que, por conveniência, não quer referir o nome, possuidor de uma aparelhagem, também completa.

Sempre que uma das partes tivesse programa, podia beneficiar da aparelhagem. Mas o tal senhor foi mais esperto que nós, diz o meu interlocutor e explica: Desapareceu com a nossa aparelhagem. Quando nos apercebemos disso, já estava em Inhambane. Tentámos localizá-lo, ele soube e fugiu, para onde, não sabemos. Perdemos assim a nossa aparelhagem. Ficam também sem local de ensaios. De 1978 até hoje. E dispersam-se. O Cheisse é nomeado para trabalhar no Xai-Xai e lá integra-se num grupo local. Os outros deixam de tocar simples mente.

### A ESPERANÇA DE REAGRUPAMENTO

Em Junho de 1985, Malangatana, o artista, faz uma festa a celebrar o seu aniversário. Convida a maioria das pessoas que fazem parte do «Djambu», através de Arlindo Lhongo, que, desde sempre, foi acompanhante do grupo. Estiveram presentes: Moisés Ribeiro, Raimundo Costa, Broog, Cecilia, Katita e Palma, dançarinas. Estavam lá alguns grupos musicais. Começaram a tocar. Nós, apesar de não termos aparelhagem, pedimos para actuar. Arranjamos tambores e entramos. Tocámos marabenta, chingombela, dlama e xigubo. Toda a gente gostou, dançou, delirou, diz emocionado, acrescentando que certas pessoas (também não quis referir nomes) prometeram apoiar e uma série de condições.

— Em Janeiro do ano passado, Alexandre Lhongo diz-nos que arranjou pessoas para nos auxiliar e que devíamos estar preparados. De Janeiro até Junho, ensaiámos sem aparelhagem, na casa da Cecilia.

O director da Migração, na altura, cede uma sala para ensaios e Artur Garrido, director da EME, passa a emprestar equipamento. Tempo depois, a EME entra de férias, o director da Migração é transferido e, de novo, ficamos sem sala para ensaios.

— E ficámos assim, sem fazer marabenta até à data — frisa, com certa amargura, o velho Moisés Ribeiro.

E conclui: Vontade não nos falta, falta sim, aparelhagem, faltam as condições. Não queremos entrar nessas organizações desses ditos empresários. O nosso objectivo não é o dinheiro mas sim mostrar a nossa cultura às pessoas mais novas que não a conhecem. Se houvesse aparelhagem, ou alguém que nos a cedesse...

Quem ajuda a preservar o património cultural nacional: a marabenta?



Primeira actuação do conjunto DJAMBU, nos princípios da década cinquenta, no então Lourenço Marques



Uma das posteriores exibições, vendo-se, em primeiro plano, Moisés Ribeiro